

## POEMA EM FORMA DE CORDEL

José Galvão de Araújo  
Conhecido por Galvão  
Aos seus dezessete anos  
Saiu de sua terra Natal  
Deixando seu lindo torrão  
De lá; trouxe muitas saudades  
Dentro do seu coração.

Saiu, em busca de uma vida melhor  
Vindo parar em catanduba  
No município de Pedro Avelino  
Junto com seus queridos pais  
E seus irmãos pequeninos  
Sempre pedindo papai do céu  
Abençoe nosso destino.

Labutou tanto nessa vida  
Pra poder ganhar o pão  
Sofreu muito, andando nesse sertão  
Sentiu fome sentiu sede  
Não tinha cama e nem rede  
Também dormia no chão.

Daí então trabalhando,  
Por esse sertão a fora  
Encontrou um pequeno terreno  
E logo disse sem demora  
Esse não tinha dono  
Encontrou seu dono agora.

O terreno era;  
De 3km<sup>2</sup> quilômetro quadrado  
Fundou uma pequena propriedade  
De sitio novo foi chamado  
Trabalhou com agricultura  
Para ganhar, um bocado.

Naquele tempo;  
As coisas eram muito difícil  
Em Roque Felix foi trabalhar  
Que de Natal era município  
E por ali ficou alguns anos  
Pois achou o lugar bonito.

Então nas suas andanças  
Encontrou ali um senhor  
Chamado de Inácio borges  
Ele até sua casa o levou  
Quando viu uma das moças  
Ele logo se engraçou.

E com o passar do tempo  
Com Maria ele casou  
E depois de alguns anos

Sua família aumentou,  
Foram chegando os filhos,  
Os frutos daquele Amor,

No ano de 1939.  
Foi mais um tempo difícil,  
Com muita tristeza no peito  
Teve que vender seu Sitio  
Vindo mora em serra verde  
Como João câmara era conhecido

Em 1961,  
Saiu ele em busca de trabalho  
Junto com sua família,  
Chegando nas redondezas de povoado  
Pois de salina da Cruz  
Por todos era chamado.

Acampou em barra do mato  
Onde trabalhou com agricultura  
E criou sua família,  
Mesmo no tempo sem fatura  
Mais sempre agradecia a Deus  
Pela sua vida tão dura.

Na vida sempre labutou,  
Não tinha medo de trabalho  
Para trabalhar como professor  
Da Mobral pelo o prefeito  
Moises Nunes Foi chamado,  
Que logo aceitou o convite  
E ficou muito lisonjeado.

No povoado onde morava  
Não tinha energia não  
Era uma luz de gás  
Que se chamava lampião,  
E numa casinha de barro  
Alfabetizou vários cidadãos.

O tempo foi passando  
E lugar ia crescendo,  
Foi transferido pra cidade  
Pra fazer a limpeza dali  
Num carro de mão a pé  
Ficou muito feliz de mora em Guamaré.

Galvão começou, como zelador,  
Fazendo a limpeza dali,  
Um carrinho de mão  
Uma pá e um vassouram  
Era tudo que tinha ali,  
Foi assim que Guamaré  
Ganhou seu primeiro gari.

Foi assim que começou  
Seu trabalho de gari  
Com muito orgulho no peito  
Fazendo a limpeza dali  
Agradecendo sempre a Deus  
Por ter vindo morar aqui.

Lixeiro foi o nome  
Que a população lhe deu  
Nome muito carinhoso  
Que ele logo recebeu  
Ele dizia com orgulho  
Ninguém deixa essas  
Rua tão limpinha como eu.

Sem falar do carinho  
Que recebia das crianças  
Ele sempre dizia que elas eram  
Do futuro a esperança  
Que no meio delas  
Ele também se sentia uma criança.

Quando ele passava  
Para ir para o lixão  
As crianças lhes acompanhavam  
Segurando em sua mão  
Porque todas queria andar  
Dentro do carrinho de mão.

O carrinho era pequeno  
Para trazer todos não cabia  
Então ele dividia  
Levava uma em cada dia  
E assim agradava a todos  
Com amor e alegria.

O prefeito viu necessidade  
De uma carroça comprar  
Pois a cidade aumentava  
Cada dia sem parar  
Galvão continuava o lixo a carregar  
Numa carroça com um burrinho a puxar.

Quando a carroça chegou  
Foi grande animação  
Porque as crianças diziam  
É maior que o carrinho de mão  
Agora dá pra trazer nós todos  
Perguntavam elas né Galvão.

Foi obrigado a deixar  
O seu amado torrão  
Pensando em um dia voltar  
Mais não deu certo não  
Ficou morando em Guamaré  
Com muita satisfação.

Assim foi a vida  
Do meu querido avô Galvão  
Em 2016, partiu deixou saudade  
Dentro do nosso coração  
Nunca pode realizar o sonho  
De voltar a sua terra Natal  
O seu adorado torrão.

**(De Rozilene Cavalcante)**